

**VIVÊNCIAS SEXUAIS DO JOVEM: O SILÊNCIO DOS PAIS
COMO UMA FORMA DE EDUCAR (1)**

Péricles Luiz Sales de Souza (2)

R E S U M O

Pesquisa Qualitativa que buscou colher a realidade global da vida do jovem, tal como ele a percebia e narrava, a fim de captar seu relacionamento com o sexo oposto, sua concepção sobre homem/mulher, e, sua visão de mundo. Procedeu-se a Análise de Conteúdo dos depoimentos de 14 rapazes, situados entre 18 e 25 anos, do Grande Recife, faixa sócio-econômica "Setores Intermediários" da população.

Os resultados foram confrontados com a teoria da sexualidade humana, de John Money. O jovem mostrou-se basicamente "coisificador" e "machista". A abordagem dos fatos da sexualidade, entre pais/educadores e jovens, parece constituir-se numa barreira quase intransponível, ainda hoje; o não-diálogo no lar, sobre o assunto, desponta como fator mantenedor da mentalidade mal-informada e "machista" das novas gerações.

-
- 1) Artigo extraído da Tese "Vivências Sexuais de um grupo de jovens da Região Metropolitana do Recife" — Defendida no Mestrado em Educação da UNICAMP-SP, em dezembro de 1983.
 - 2) Professor de Psicologia do Desenvolvimento aplicada à Educação — Infância e Adolescência — do Centro de Educação da UFPE.

INTRODUÇÃO

Tivemos a idéia de realizar um trabalho de caráter científico que pudesse contribuir, com alguns dados, ao estudo do tema da sexualidade do jovem; este campo se nos apresentava bastante pobre em relação ao número de pesquisas existentes com sujeitos brasileiros. Sempre consideramos o aspecto sexual como um dos mais importantes e decisivos no desenvolvimento, na formação e na estruturação da visão de mundo, de todas as pessoas. Acharmos imprescindível que as pessoas definam para si o significado da sua sexualidade, a fim de evitarem pela vida afora, grandes e constantes desgastes emocionais, praticamente inúteis.

A bibliografia esclarecedora e efetivamente útil ao jovem, é tão incipiente e pouco difundida, que pode ser considerada como praticamente inexistente, a respeito da preparação ao desabrochar e ao exercício sexual. A insensibilidade das autoridades educacionais para com o assunto, é fato notório.

Decidimos então iniciar nosso trabalho, determinando metropolitana do Grande Recife. Optamos por trabalhar com jovens acima dos 20 anos por entendermos que com eles, teríamos chance de resgatar sua adolescência, pré-puberdade e talvez até infância, naquilo que nelas tivesse ocorrido de mais significativo então, e tudo visto com mais isenção e serenidade. Nossa tarefa restringiu-se a pesquisar especificamente as relações íntimas entre os dois sexos, devido à nossa limitação de tempo nos confrontos com a vastidão e complexidade da temática sexual. Também por esse motivo, nos limitamos a abordar tão-somente rapazes, cujo relato seria provavelmente mais incentivado diante de um pesquisador do mesmo sexo.

Inúmeras questões puderam ser colocadas aos jovens, e eles, nos depoimentos gravados ou escritos, apresentaram as

suas respostas. Procurou-se então desvendar, na apuração dos resultados, aqueles problemas muito sérios, presentes na sexualidade falada pelo jovem; buscou-se compreender qual o modelo de homem e de mulher que o jovem tem na cabeça e que faz parte da sua visão de mundo.

Cada jovem que tomou parte neste trabalho foi convocado a fazê-lo como entrevistando, ou seja, como elemento ativo que elaborava o roteiro e guiava o processo da entrevista-depoimento; jovem esse sempre percebido e valorizado não como um mero objeto de estudo e sim como uma pessoa viva, pensante e criadora. Nessa relação de plena cooperação, assumimos o compromisso de fazer retornar às mãos desses rapazes os resultados e as conclusões da pesquisa.

Fizemos um grande esforço para evitar pesquisar a sexualidade humana tão-somente em livros. Tentamos nos esquivar também, dos imensos "levantamentos de dados" que viessem a ser desperdiçados pela sua vastidão e complexidade. Fugimos das pesquisas sexuais do estilo habitualmente adotado pela TV, revistas e jornais. Procuramos sobretudo evitar imposição de questionários "objetivos", que se constituem em verdadeira camisa-de-força para situações da vida, bem como evitar a "bisbilhotice científica", capaz de desarrumar desnecessariamente a cabeça de muitas pessoas para fins que, em seguida, poderiam se revelar efetivamente inúteis.

Nosso objetivo explícito era saber como os jovens percebiam as suas próprias vivências sexuais. Além disso, nos inquietavam outros dois questionamentos:

Ocorrem ou não, por parte dos pais, a omissão e a sonegação de informações esclarecedoras e satisfatórias, para os filhos, sobre o exercício sexual humano?

Que modelos culturais de Mulher e de Homem prevalecem na mente do jovem, hoje?

METODOLOGIA

Perfil dos jovens

Os sujeitos-alvo desta pesquisa formaram uma amostra, com características bastante homogêneas, de acordo com os padrões pré-estabelecidos, com o seguinte perfil:

INTRODUÇÃO

Tivemos a idéia de realizar um trabalho de caráter científico que pudesse contribuir, com alguns dados, ao estudo do tema da sexualidade do jovem; este campo se nos apresentava bastante pobre em relação ao número de pesquisas existentes com sujeitos brasileiros. Sempre consideramos o aspecto sexual como um dos mais importantes e decisivos no desenvolvimento, na formação e na estruturação da visão de mundo, de todas as pessoas. Achemos imprescindível que as pessoas definam para si o significado da sua sexualidade, a fim de evitarem pela vida afora, grandes e constantes desgastes emocionais, praticamente inúteis.

A bibliografia esclarecedora e efetivamente útil ao jovem, é tão incipiente e pouco difundida, que pode ser considerada como praticamente inexistente, a respeito da preparação ao desabrochar e ao exercício sexual. A insensibilidade das autoridades educacionais para com o assunto, é fato notório.

Decidimos então iniciar nosso trabalho, determinando metropolitana do Grande Recife. Optamos por trabalhar com jovens acima dos 20 anos por entendermos que com eles, teríamos chance de resgatar sua adolescência, pré-puberdade e talvez até infância, naquilo que nelas tivesse ocorrido de mais significativo então, e tudo visto com mais isenção e serenidade. Nossa tarefa restringiu-se a pesquisar especificamente as relações íntimas entre os dois sexos, devido à nossa limitação de tempo nos confrontos com a vastidão e complexidade da temática sexual. Também por esse motivo, nos limitamos a abordar tão-somente rapazes, cujo relato seria provavelmente mais incentivado diante de um pesquisador do mesmo sexo.

Inúmeras questões puderam ser colocadas aos jovens, e eles, nos depoimentos gravados ou escritos, apresentaram as

suas respostas. Procurou-se então desvendar, na apuração dos resultados, aqueles problemas muito sérios, presentes na sexualidade falada pelo jovem; buscou-se compreender qual o modelo de homem e de mulher que o jovem tem na cabeça e que faz parte da sua visão de mundo.

Cada jovem que tomou parte neste trabalho foi convocado a fazê-lo como entrevistando, ou seja, como elemento ativo que elaborava o roteiro e guiava o processo da entrevista-depoimento; jovem esse sempre percebido e valorizado não como um mero objeto de estudo e sim como uma pessoa viva, pensante e criadora. Nessa relação de plena cooperação, assumimos o compromisso de fazer retornar às mãos desses rapazes os resultados e as conclusões da pesquisa.

Fizemos um grande esforço para evitar pesquisar a sexualidade humana tão-somente em livros. Tentamos nos esquivar também, dos imensos "levantamentos de dados" que viessem a ser desperdiçados pela sua vastidão e complexidade. Fugimos das pesquisas sexuais do estilo habitualmente adotado pela TV, revistas e jornais. Procuramos sobretudo evitar imposição de questionários "objetivos", que se constituem em verdadeira camisa-de-força para situações da vida, bem como evitar a "bisbilhotice científica", capaz de desarrumar desnecessariamente a cabeça de muitas pessoas para fins que, em seguida, poderiam se revelar efetivamente inúteis.

Nosso objetivo explícito era saber como os jovens percebiam as suas próprias vivências sexuais. Além disso, nos inquietavam outros dois questionamentos:

Ocorrem ou não, por parte dos pais, a omissão e a sonegação de informações esclarecedoras e satisfatórias, para os filhos, sobre o exercício sexual humano?

Que modelos culturais de Mulher e de Homem prevalecem na mente do jovem, hoje?

METODOLOGIA

Perfil dos jovens

Os sujeitos-alvo desta pesquisa formaram uma amostra, com características bastante homogêneas, de acordo com os padrões pré-estabelecidos, com o seguinte perfil:

- a) Sexo — Masculino.
- b) Idade — Entre 18 e 25 anos.
- c) Estado civil — Solteiro.
- d) Escolaridade — Estudante universitário, matriculado e cursando.
- e) Origem geográfica — Preferencialmente oriundo do Nordeste, sendo condição indispensável que tivesse vivido a maior parte de sua vida em zona urbana da Região Nordeste.
- f) Residência — Residente na Região Metropolitana do Recife, há mais de cinco anos, vivendo em companhia da família nuclear (pai, mãe, irmãos e irmãs) natural ou substituta.
- g) Etnia — Predominantemente branca, podendo abranger pessoa morena clara ou morena.
- h) Religião — Católico, pelo menos de batismo, embora não necessariamente praticante.
- i) Posição sócio-econômica — O indicador foi a **profissão do pai**, ou a do substituto deste. De acordo com a definição de Darcy Ribeiro (1979) acerca das classes sociais. Foram escolhidos os jovens pertencentes à faixa sócio-econômica dos chamados **Setores Intermediários**. Tais setores abrangem dois segmentos: o de Autônomos e o de Dependentes. O primeiro é constituído por profissionais liberais e pequenos empresários, e aquele dos Dependentes, por funcionários e empregados.
- j) Número de sujeitos — Não foi estabelecido “a priori”; definiu-se no decorrer do processo (um total de 14), quando surgiram, ao longo das entrevistas, as características **invariantes**, isto é, a repetição de determinados dados de conteúdo, ocorrentes na maior parte dos depoimentos. Desde o início, admitiu-se que o número mínimo de sujeitos não deveria ser inferior a cinco.
- l) Relação entre os sujeitos — Desconhecidos entre si.
- m) Relação com o entrevistador — Não faziam parte do grupo de amigos ou conhecidos do entrevistador.

FORMA DE ABORDAGEM

Escolher uma abordagem metodológica que se adequasse a uma pesquisa científica relativa às vivências sexuais do jovem não foi uma tarefa fácil. Um tema bastante delicado, como a sexualidade, a necessidade de descer à intimidade pessoal de cada entrevistando a fim de tentar atingir sua verdade e sua visão de mundo sobre esse aspecto, tudo isso exigiu um grande esforço, na tentativa de encontrar um caminho adequado e seguro que nos conduzisse efetivamente às vivências mais íntimas dos jovens.

Fizemos a opção por um trabalho de campo ancorado na metodologia da Pesquisa Qualitativa. Esta, se nos apresentou como a melhor maneira de aumentar as nossas chances de êxito no árduo intento de colher a realidade pessoal de cada sujeito de forma global, tomando a pessoa como um todo, inserida no seu universo social, imersa na totalidade dos significados do seu mundo.

A Pesquisa Qualitativa tem por base dois pressupostos que lhe são peculiares: o primeiro, afirmando que o comportamento humano é influenciado de modo significativo pelo contexto em que está situado; o outro, mostrando que seria quase impossível compreender esse comportamento, sem buscar entender o quadro referencial de significados dentro do qual as pessoas interpretam seu pensar, sentir e agir.

COLETA DE DADOS

Os trabalhos de campo, no Recife e seus arredores, tiveram uma duração de aproximadamente 100 dias, de novembro de 1981 a fevereiro do ano seguinte.

Foram precedidos de uma pesquisa-treino, realizada em Campinas-SP, com um jovem cujas características estavam bem próximas às exigidas para a amostra.

Os instrumentos específicos destinados a colher os dados em plena pesquisa de campo, foram dois: o Roteiro de Entrevista e o Formulário. O Roteiro destinava-se a orientar o sujeito, descortinando-lhe os pormenores do conteúdo e da forma da pretendida entrevista, gravada ou escrita, acerca de suas vivências sexuais. O Formulário tinha como objetivo levantar

dados pessoais complementares, acerca dos sujeitos, prestando-se, inclusive, a verificar se as características pessoais exigidas estavam sendo correspondidas.

Inicialmente, nossa abordagem aos sujeitos era a mais indireta possível; primeiramente entrávamos em contato com pessoas amigas e conhecidas e lhes explicávamos a pesquisa que desejávamos realizar bem como a necessidade de conseguirmos sujeitos que tivessem as características pré-estabelecidas. A elas, entregávamos uma lista onde constavam, por escrito, todos os requisitos necessários aos jovens a serem selecionados como sujeitos. Essas pessoas — cerca de 20 no nosso caso — tornavam-se uma espécie de “ponte” entre nós e os sujeitos potenciais, de forma que foram sendo marcados através delas, os diversos contatos preliminares com os sujeitos.

O relacionamento entre o entrevistador e os sujeitos, constituiu-se de três tipos distintos de abordagem:

1.º) O **contato preliminar**, por telefone ou pessoalmente, que tinha por finalidade acertar dia, hora e local da segunda abordagem, o encontro.

2.º) O encontro explicativo, em que eram apresentados os detalhes da pesquisa bem como a forma de abordagem seguinte, a entrevista.

3.º) A **entrevista**, constituída de uma ou mais sessões, na qual o entrevistando apresentava o seu depoimento.

No **contato preliminar**, abordava-se o provável sujeito, a fim de fixarmos local, data e hora do encontro. Esses três itens ficavam, inicialmente, a critério do sujeito, e quase sempre persistiam incertezas quanto ao local; oferecíamos então três ou mais sugestões a respeito. Destas, constavam: uma sala de consultório de atendimento psicológico, próxima ao centro do Recife; um mini-apartamento montado mas temporariamente vago, no centro do Recife; uma sala-garagem, isolada da casa, em Olinda, casa essa onde nos encontrávamos provisoriamente domiciliados; e ainda, a proposta de nos deslocarmos até a residência ou faculdade do entrevistando, desde que estas lhes inspirassem suficiente confiança no que se relacionava com o sigilo requerido pelo tema.

No **encontro explicativo** o sujeito era informado dos objetivos da pesquisa e da forma como se desenrolaria a entrevista de depoimento; além disso, era-lhe entregue uma cópia de todos os itens (questões a responder) constantes do Roteiro de Entrevista, bem como uma lista com os títulos das seis grandes abordagens do Formulário, para que ele refletisse sobre o assunto e pudesse fazer uma opção entre prestar-se ou esquivar-se à entrevista para depoimento, a ser marcada, então, com um intervalo de pelo menos dois dias a partir desse encontro.

Ainda nessa sessão de esclarecimentos, era-lhe detalhadamente explicado o seu papel de entrevistando, de co-responsável pela condução e sucesso das entrevistas; isso, em contraposição ao papel supostamente passivo de mero "entrevistado" que nada teria a ver com aquele trabalho.

Mostrava-se-lhe como ele deveria ser o protagonista de todo o processo da entrevista dali para frente. Tudo explicitado, tudo dito, mostrado, entregue... sem mistérios nem armadilhas; jogo totalmente aberto; disponibilidade para ouvi-lo e para responder a qualquer pergunta, mesmo de caráter intimista.

Ao final deste **encontro explicativo** era-lhe solicitado que fosse guardado absoluto sigilo sobre o conteúdo da pesquisa bem como acerca do material escrito que lhe estava sendo entregue, e isto, até a conclusão de seu eventual depoimento ou, desistência de fazê-lo. Deu-se muita ênfase ao absoluto e intocável direito que ele tinha de não se submeter àquele processo de rememoração detalhada de todos os fatos de suas vivências sexuais para posterior narração minuciosa dos mesmos... poderia desistir de fazer o depoimento, quando o desejasse, e a qualquer ponto do processo, sem dever nenhuma explicação; bastaria avisar ao pesquisador, através de recado, telefonema ou qualquer outro meio; caberia fundamentalmente a ele, a tarefa de avaliar se deveria prosseguir ou não na pesquisa, dependendo daquilo que tal processo significasse para ele.

Foi uma constante a garantia pessoal, por parte do entrevistador, de absoluto, completo e permanente sigilo, acerca dos conteúdos a serem apresentados, no que concerne à não-revelação da identidade dos seus autores, bem como no que diz respeito a todo e qualquer dado que os pudesse identificar ou colocasse em risco outras pessoas intervenientes em sua narrativa.

A terceira etapa de nossa abordagem aos sujeitos era a **entrevista** propriamente dita, na qual ocorreria a narrativa pessoal. No caso do jovem vir a realizar o depoimento sobre suas vivências sexuais, poderia optar por três formas distintas de apresentação dos dados pessoais: gravar na presença do entrevistador, gravar a sós ou, simplesmente escrever a narrativa e entregá-la ao entrevistador. Nenhum deles se dispôs a gravar a sós. Cinco, fizeram-na por escrito, e treze preferiram gravar na presença de entrevistador.

Ao final do depoimento, apresentávamos aos sujeitos o Formulário, a ser preenchido pelo entrevistador, mediante as respostas informativas daqueles.

O número total de sessões de **entrevista** para depoimento, com cada sujeito, foi variável: em geral uma ou duas, embora nos declarássemos disponíveis para quantas fossem necessárias. Com raras exceções, não passou de uma única sessão prolongada. Prevista para durar 45 minutos, quase sempre ultrapassou uma hora e meia e, por vezes, chegou a duas horas e até mais.

O número total de sujeitos nordestinos contados para tomarem parte na pesquisa elevou-se a 35. Destes, seis declararam-se desistentes, antes da realização do **encontro explicativo**. Dentre os 29 que permaneceram, onze não conseguiram chegar à sessão inicial da **entrevista** (a do depoimento) onde seria feito o relato das vivências íntimas; quatro dos quais “desapareceram” de circulação, seis apresentaram expressamente a sua desistência, e um deles, com grande “habilidade”, evitou quer a negar-se expressamente, quer a submeter-se à entrevista. Por conseguinte, o grupo de sujeitos que se submeteu a todo o processo da pesquisa até a conclusão do depoimento, contou com 18 entrevistandos, todos, praticamente de Olinda e Recife; posteriormente, o rigor metodológico obrigou-nos a eliminar 4 desses depoimentos, do que resultou uma análise final de apenas 14 relatos.

A fim de evitar, desde o trabalho de apuração, qualquer identificação dos mesmos, resolveu-se conferir a cada um deles um código-letra.

A conclusão do trabalho de campo, estávamos de posse de 22 fitas minicassetes gravadas, num total de quase 15 horas de gravação e cinco textos de depoimentos, escritos de próprio punho pelos entrevistandos, além dos 18 Formulários preenchidos.

DEFINIDO O PROCEDIMENTO PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Os dados provenientes das entrevistas com os jovens foram submetidos à metodologia da Análise de Conteúdo.

O objeto de estudo dessa metodologia é o conteúdo da comunicação. Ao sintetizar o processo da comunicação através da sentença "Quem diz o Que, a Quem, Como e Com Que Efeito?", a expressão "O Que" aí contida é o **conteúdo** da comunicação.

Para Berelson

"Análise de Conteúdo é uma técnica de pesquisa objetivando a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto de uma comunicação". (in Goldberg & Franco, p. 5, 1980).

Bardin (1977) vai além da definição de Berelson e classifica a Análise do Conteúdo como uma **metodologia** científica que pode ser exercitada através de seis diferentes técnicas. Dentre as seis, a técnica da Análise Categorical, foi a escolhida para apuração dos resultados da presente pesquisa. O depoimento individual de cada jovem foi tomado como **unidade de contexto** e três **temas** específicos serviram de **unidade de registro**; 1) o desabrochar sexual, 2) a formação e a informação sexual, e, 3) o namoro.

Quanto às **categorias de análise**, foram criadas, com base na bibliografia lida e a partir das leituras da série de depoimentos dos jovens. Esse conjunto categorial colocou três questionamentos explícitos ao conteúdo da fala do jovem:

1.º) apresentava conduta "coisificadora" ou, pelo contrário, personalizadora?;

2.º) mostrava conduta "machista", ou anti-"machista"?

3.º) apresentava conduta com valorização positiva da comunicação-encaminhamento sexual, ou valorização negativa?

PERSPECTIVAS DE UMA TEORIA

A pesquisa científica sobre sexo, iniciada há um século, tendo como marco pioneiro a publicação de Kraft-Ebbing, quase sempre se prestou como um campo fértil às intermináveis discussões entre as correntes antagônicas de estudiosos. Por um lado os nativistas e por outro os ambientalistas. Cada qual reivindicando para si a palavra final sobre os determinantes da sexualidade humana. Uns, sublinhando o valor absoluto da herança sobre o destino sexual dos indivíduos, os outros apontando evidências de que a cultura e o ambiente eram os determinantes supremos da sexualidade das pessoas.

Para confrontação com os resultados da pesquisa em apreciação no presente trabalho, esboçamos algumas perspectivas da teoria da sexualidade humana defendida por John Money e sua equipe.

John Money é psicólogo clínico, pesquisador em sexualidade humana e especialista em endocrinologia e genética comportamentais. Através de sua abordagem, as diferenças sexuais responsáveis pela caracterização dos indivíduos como masculino, feminino ou ambivalente, são examinadas à luz de novas descobertas.

A tradução do sexo genético em sexo fenotípico (visível, observável, aparente) é um processo bastante complexo e há muitas encruzilhadas por atravessar nesse processo, em cada uma das quais a opção do caminho posterior a seguir, pode variar e mudar o rumo anteriormente palmilhado. Quando do seu nascimento, as pessoas têm sua sexualidade absolutamente indiferenciada, do ponto de vista psicológico. A diferenciação como pessoa masculina, feminina ou ambivalente, ocorrerá ao longo da vida, nas diversas experiências no curso do crescimento individual. Cai por terra a sugestão proposta por Kraft-Ebbing de que existiriam centros especiais no cérebro, definidores da masculinidade e feminilidade. Pode-se concluir, portanto que uma suposta base de masculinidade ou feminilidade instintiva, nos seres humanos, fica efetivamente negada, de modo explícito. O que se admite existir são os efeitos hormonais nos circuitos cerebrais, que estimulam o desenvolvimento de determinados comportamentos e desestimulam outros.

Segundo Money, as principais variáveis responsáveis pela diferenciação sexual das pessoas podem ser resumidas nos sete fatores a seguir:

- sexo cromossômico,
- sexo gonadal,
- sexo hormonal,
- órgãos sexuais acessórios internos,
- morfologia da genitália externa,
- sexo social (sexo de criação, sexo de designação),
- identidade/papel sexual (orientação/papel de gênero).

Tomamos em consideração algumas colocações atinentes apenas à **Identidade/papel sexual** que é o binômio expresso através da obra de Money & Tucker (1981), cujas implicações sobre a educação sexual e a sexualidade do jovem no atual contexto sócio-cultural, poderão ser avaliadas através dos trechos a seguir:

“Identidade sexual (...) é o seu senso de si mesmo como homem ou mulher. O papel sexual é tudo que expressa este senso de si mesmo como homem ou mulher. O papel sexual inclui tudo que você pensa e sente, tudo que você diz e faz, que indique — a você próprio e aos outros — que é homem ou mulher. A identidade sexual e o papel sexual não são duas coisas distintas; são aspectos diferentes da mesma coisa, assim como os proverbiais dois lados da mesma moeda. A identidade sexual é a experiência interna do seu papel sexual; o seu papel sexual é a expressão da sua identidade sexual. O termo “identidade/papel sexual” enfatiza esta unidade”. (p. 12).

Na prática é impossível que uma pessoa venha a desenvolver qualquer senso de identidade, sem se identificar como homem ou mulher. Em virtude de a identidade sexual se diferenciar antes que a criança inicie a falar, presume-se, erroneamente, que a mesma seja inata. Dentre os processos psicossociais básicos que antecedem a definição da identidade/papel

sexual, temos os estereótipos sociais, os processos de identificação-complementação sexual ante figuras parentais (incluindo aqui a aquisição de esquemas e papéis sexuais), bem como a ocorrência precoce da instauração do padrão individual de comportamento sexual.

A definição da identidade/papel sexual está estreitamente ligada à educação em geral e, em especial à educação sexual recebida pela criança. Sobre o assunto, Money & Tucker desfecham:

“Aí, quando a puberdade traz as preferências eróticas para a plena consciência do jovem, este não recebe nenhum auxílio para avaliá-las. Após carregá-las enquanto criança, como um fardo de vergonha e culpa, o jovem se depara agora com a atitude oficial que é manter o adolescente na ignorância, restringindo a educação sexual, quando esta existe, à mecânica da reprodução. Como pode o jovem saber se um impulso homossexual ocasional significa que ele ou ela é mais “esquisito” do que os outros? Ou se a crueldade em sonhos eróticos representa um tipo normal de briga amorosa ou sadismo? Se um objeto estimula os sentimentos eróticos de uma moça ou de um rapaz é este objeto um fetiche ou um símbolo? Livros, filmes e cursos sobre anatomia e reprodução atualmente estão à disposição dos jovens, mas não há informação deste tipo sobre jogos amorosos e relações sexuais. Os adolescentes necessitam que a sociedade lhes dê uma educação sexual que inclua os aspectos eróticos, físicos e amorosos do sexo, bem como os reprodutivos. A sua única esperança de conseguir tal informação, fora as tentativas e erros muitas vezes dolorosos, é a sorte de ter um conselheiro que seja sábio-e honesto ou um dos poucos livros realmente úteis sobre o assunto. Pais e professores raramente suspeitam que o comportamento “difícil” que esperam como fato concreto das cargas adolescentes pode originar-se da perplexidade com o choque entre as imagens convencionais e as imagens eróticas que emergem na adolescência

— perplexidade esta que uma palavra reconstituinte, vinda de um adulto que sinta o problema poderia muitas vezes dissipar”. (p. 143).

São os mesmos autores que retomam:

“Ensinaidos a não fazer perguntas sobre sexo, a maioria dos jovens sente os pais e professores como as últimas pessoas a quem poderiam se voltar em busca de ajuda. O mundo adulto erigiu barreiras em torno da sexualidade que “não podem ser ultrapassadas sem uma certidão de casamento”. Quando os hormônios da puberdade acionam os motores sexuais e impulsionam o jovem rumo às barreiras, o mundo adulto se dispõe a assistir e entreter-se tolerantemente com suas tentativas desajeitadas de evitar a colisão e a punir aqueles que colidem, mas sem oferecer muita ajuda. O aconselhamento psicológico, quando acessível, ainda tem um longo caminho a percorrer, primeiro para captar e depois para manter a confiança dos adolescentes. Raramente estes podem confiar em gente da sua idade, pois poucos podem se dar ao luxo de serem rotulados de “diferentes”. Assim, as agonias devem ser sofridas em silêncio”. (p. 143-144).

As respostas imediatas e resolutas dos adultos, ensinam rapidamente à criança que seus pais não têm nenhuma orientação realmente útil e satisfatória a dar, sobre sexo:

“Quando a criança tem idade suficiente para fazer perguntas acerca do comportamento sexual, o que ela quer saber é como, quando, onde e com quem o sexo deve ser explorado, e como se comportar em caso de curiosidade num grupo de amigos. O que a criança geralmente obtém pode ser uma surra, um cenho franzido, um olhar vago, uma resposta evasiva, uma palestra biológica ou, na melhor das hipóteses, uma mensagem que se resume em: “É tão maravilhoso, que vocês não deveria ter nada a ver com isso”. Tais respostas ensinam rapidamente a

criança a não esperar qualquer orientação útil. Ainda que a sexualidade infantil há muito tenha sido estabelecida, nem o fato em si, nem a sua significação como base da sexualidade adulta tiveram muito impacto sobre as convenções sociais". (p. 121).

Em outro trecho, prosseguem:

"Mas na nossa sociedade experimentos com as funções sexuais são firmemente desencorajados e qualquer modelo de como as partes poderão eventualmente se combinar em padrões de comportamento copulatórios é mantido em total segredo. Imagine a dificuldade de tentar aprender a andar ou falar sob tais condições". (p. 119).

As possibilidades de solução para o problema existem, mas é preciso sair da inércia e tentar ir à cata delas:

"Em vez de angustiar-se com a incidência de desvios e crimes sexuais, nossa sociedade melhor faria se apoiasse a pesquisa sobre como a sexualidade se desenvolve. Se soubéssemos mais acerca de como a sexualidade evolui normalmente e se nossas crianças fossem encorajadas a serem abertas e inquiridoras, em vez de reservadas, a respeito de seus sentimentos sexuais, as discrepâncias poderiam ser identificadas e muitas vezes corrigidas antes de causar algum mal permanente. O que temos hoje é um exame rotineiro da altura, peso, postura, coordenação física, visão e outros aspectos da criança, mas não temos como examinar o seu desenvolvimento erótico. E se o examinássemos, não saberíamos o que procurar; e temos apenas um pobre conhecimento limitado das medidas corretivas a serem aplicadas quando suspeitamos que as coisas estão saindo dos eixos". (p. 123).

Resta-nos ainda examinar alguns questionamentos dos autores em destaque, referentes à situação da sexualidade do jovem, no atual contexto sócio-cultural. Acompanhemos sua afirmação:

“As bases mais firmes possíveis para os esquemas sexuais são as diferenças entre os órgãos genitais masculinos e femininos, bem como o comportamento reprodutivo; nossa cultura, porém, luta insistentemente para impedir que as crianças tenham acesso a essas diferenças”. (p. 112).

Os autores denunciam como perniciosa a omissão educacional que impede o treinamento, desde a infância, sobre os assuntos relacionados com o comportamento sexual e com o mapeamento das diferenças entre os órgãos masculinos e femininos. O corpo e suas manifestações eróticas permanecem sendo o alvo predileto de tabus e preconceitos sociais severos, mesmo dentro da intimidade de cada lar. Daí, a prática insidiosa de deixar os filhos “alheios ao assunto”, durante o maior tempo possível.

Vejamos agora sua posição, em relação à defasagem entre a maturidade sexual e autonomia econômico-financeira do jovem da sociedade dos tempos atuais;

“Talvez de maior significação seja o lapso que se alarga entre a idade em que se espera que o jovem assuma responsabilidades econômicas adultas (o que ocorre cada vez mais tarde) e a idade em que ele chega à maturidade sexual (o que ocorre cada vez mais cedo, pelo menos no último século). A maturidade econômica, que inicialmente precedia a maturidade sexual, passou a coincidir com ela e agora vem alguns anos depois”. (p. 145).

“Fato: Por mais de um século a média de idade da puberdade tem caído na proporção de um ano para cada geração. O crescente lapso entre uma maturidade sexual mais precoce e uma situação social adulta cada vez mais tardia transformou a adolescência de breve período de transição em etapa significativa da vida, com seus próprios tipos de exigências sexuais”. (p. 178).

A estruturação econômica individual seguindo preceitos sócio-culturais, cria problemas adicionais à vida dos jovens, inferiorizando, de forma estável, a figura feminina:

“Um sistema que torna o homem financeiramente responsável pela mulher com quem namora e casa, e que liga “status” social e financeiro da mulher ao fato de encontrar um marido, faz com que a competição, manipulação e exploração sejam parte inevitável do namoro e do casamento”. (p. 178).

Referindo-se ao avanço das pesquisas sobre contraceptivos, os autores afirmam:

“Fato: Pela primeira vez os meios anticoncepcionais — os meios de separar o ato sexual da reprodução, o sexo por prazer do sexo para procriação — são acessíveis a todo mundo, homens e mulheres, jovens e velhos, solteiros e casados, pobres e ricos”. (p. 10).

Concluindo o seu raciocínio, os autores mostram a necessidade da coerência por parte dos adultos, para que estes reflitam sobre a tradicional proibição da prática sexual aos jovens (à jovem, em particular), e mediante tal reflexão reavaliem os fatos e assumam posturas decididamente honestas sim, mas que sejam atuais e condizentes com os tempos. Eis o trecho de Tucker & Money, com o qual concluímos também a exposição das suas perspectivas teóricas:

“Enquanto o sexo produzia rotineiramente mais crianças para serem criadas e alimentadas, a sociedade tinha boas razões para insistir em que a independência sexual esperasse a independência econômica e social, qualquer que fosse o custo para o indivíduo. Agora, porém, que os métodos de evitar a concepção acham-se ao alcance de todos, o senso comum econômico e social reside em exigir apenas que as pessoas não preparadas para assumir a responsabilidade adulta enquanto pais utilizem tais métodos, e não abdicuem da atividade sexual.

Olhando para trás, pode-se ver porque essa mudança pegou a sociedade de surpresa. Por mais difícil que seja entender, até há bem pouco tempo atrás não existia “idade adolescente” reconhecida: nenhum grupo de jovens tinha

seus próprios costumes e seus próprios problemas reconhecidos, quer sexuais quer de qualquer outro tipo". (p. 145).

Finalizando, queremos notificar que a nossa fundamentação teórica baseou-se na obra de Money & Tucker **Os papéis sexuais** dedicada especialmente à vulgarização científica das idéias desse pesquisador.

Considerações sobre os depoimentos dos jovens

Tendo os jovens apresentado uma fala rica de sentimentos, percepções e experiências no que concerne à sua sexualidade, resolvemos distribuir os 243 trechos (1) de suas entrevistas em três grandes segmentos (os Temas da Análise do Conteúdo):

O primeiro tema, **Desabrochar Sexual** trata da iniciação sexual bem como da ação pedagógica da experiência, e aborda contactos que envolvem as casadas e descasadas inovadoras, ou as "profissionais" do sexo, as "amadoristas" e as "meninas de família"; dá também uma indicação de preferências e atitudes manifestadas pelo jovem.

O segundo tema aborda a **Formação e Informação**, dando uma visão da comunicação dois pais e educadores e daquela da "rua", que se constitui uma rica escola, em relação à sexualidade do jovem.

Finalmente, o terceiro, **Namoro**, pondo à mostra o significado do namoro na perspectiva do rapaz, chega a definir afeto-intimidades como um binômio frequentemente presente e significativo na vida do jovem.

Cada um desses três temas abrangeu um grande número de trechos autênticos da fala dos jovens; cada trecho foi submetido a julgamento mediante confrontação com as três categorias de análise previamente elaboradas:

1.a) Conduta "machista" versus "anti-machista";

1) Optamos por trechos de entrevista, e não por estudos de caso, para garantir o sigilo absoluto sobre a identidade dos entrevistados.

- 2.^a) Conduta “coisificadora” versus “personalizante”, e,
- 3.^a) Conduta de valoração positiva versus valoração negativa, em relação à informação-encaminhamento sexual.

Passemos agora a uma síntese que englobe os três temas, para, posteriormente, notificarmos os resultados da Análise Categorial.

I — DESABROCHAR SEXUAL

I.I. — A INICIAÇÃO SEXUAL

Ao que parece, a natureza desta pesquisa conduziu cada entrevistando a realizar uma reflexão abrangente e por vezes detalhada, acerca de suas vivências sexuais do passado e do presente. Procurou-se rememorar todos os eventos significativos e, em geral, seguiu-se um roteiro cronológico-valorativo no perfil histórico individual. Daí se começar pelos primeiros esboços de comportamento sexual seguidos das tentativas e consecução da iniciação sexual, que se constituiu em marco histórico na vida sexual desses jovens. Tenhamos presente, portanto, que na pesquisa em foco, “**iniciação sexual**” foi uma referência espontânea que ocorreu na totalidade das entrevistas e que consiste quase que exclusivamente em experiências pioneiras de relacionamento heterossexual satisfatório.

Ao longo dos depoimentos enfileirados sob o título “Iniciação”, percebemos diversos anúncios, reclamos, lamentos e denúncias apresentados pelos jovens. Examinemos algumas dessas mensagens contidas nos textos das entrevistas.

A — O “caminho do silêncio”, adotado pelos pais — e pelos demais educadores — para o preparo dos jovens, é a “denúncia” mais forte e mais generalizada, contida nas narrativas deste item.

O caminho do silêncio, consiste em que, via de regra, inexistem o diálogo, a explicação e as informações claras e diretas, acerca de sexualidade e suas implicações. Dentro desse caminho, boa parte dos pais, desde a infância dos filhos, optou por aplicar a surra — repressão violenta e sem explicações — contra o desabrochar precoce do garoto nos assuntos sexuais. Toda experiência de jogos sexuais entre garoto e garota foi alvo de

repressão violenta. Esse tipo de “iniciação”, foi, pois, desestimulado. A criança captou, então, a mensagem muda dos genitores: “... a gente sentiu isso (práticas sexuais) como uma coisa feia, horrível”.

Como exceção ao mutismo familiar, foi narrado o esforço de um pai que falou “alguma coisa” ao filho, demonstrando “... uma certa abertura, certa abertura relativa”. Parece que o objetivo paterno foi o de prevenir e informar sobre os riscos de locais tais como prostíbulos, oferecendo seus préstimos para tirar o filho de eventuais enrascadas. Mas o diálogo, o aprofundamento de conversas acerca do binômio **afetividade — erotismo**, parece inexistir. O caminho escolhido para educação sexual permanece bem definido: o silêncio. Ele é o responsável maior pelo nível de desinformação a que o jovem fica relegado.

Por causa dessa desinformação há jovens que sofrem frustrações e decepções quando de suas primeiras tentativas de “tirar o queijo”. Tudo faz crer que a desinformação solapa aos jovens a possibilidade de alcançarem um conhecimento adequado e seguro sobre melhores meios anticoncepcionais; tal fato provoca no rapaz, insegurança e medo de chegar a ser causa, nas suas investidas sexuais, da eventual gravidez de alguma moça, especialmente de sua namorada. O silêncio é também o responsável pela autodidaxia confusa do jovem acerca do assunto: chega até a confundir a lubrificação vaginal própria do estado de excitação com uma “imprecisa e desconhecida” gonorréia. Supondo tratar-se de um corrimento doentio, resulta daí um grande susto, pavor e fuga do ato sexual inaugural que estava para ser iniciado. Fruto do silêncio é ainda o desconhecimento acerca do corpo da mulher, fato que provavelmente, acirra a curiosidade, a qual conjugada à grande atração visual sentida em relação aos seios, precipita o desejo de vivenciar experiências sexuais. É através da própria experiência que o jovem irá desenvolver seu aprendizado sobre a sexualidade a começar pela sondagem exploratória o corpo feminino através das intimidades com a parceira, que, por vezes, é a própria namorada. Obviamente, se o caminho educativo é aquele do silêncio, torna-se melhor estar a sós, que ladeado por companhias mudas e inibidoras. É quando têm certeza da ausência dos pais, que os jovens aproveitam para experienciar o sexo, com parceira, dentro de casa. No entanto, é certamente a dissociação entre a afetividade e o erotismo, a pior resultante do mutismo familiar dentre todos os males que atingem o jovem. Tendo que adquirir

os conhecimentos às apalpadelas, mediante o acúmulo de suas experiências eventuais, muito jovem atravessa um período (oxalá não estacione aí) onde a prática do sexo fica basicamente desvinculada do desenvolvimento da sua capacidade afetiva enquanto pessoa. É apenas uma parcela de si, que ele admite estar envolvida em tais experiências; inexistente o envolvimento de sua pessoa como um todo.

B — Pelos seus relatos, os jovens chegaram a sugerir que a sua iniciação pode ocorrer, quer através de uma única relação sexual, bem sucedida, quer mediante múltiplas experiências de relação, até que ocorra aquela considerada efetivamente satisfatória.

C — Papel fundamental, na iniciação sexual do jovem, compete aos amigos e ao grupo — à “turma”. O encontro do jovem com eles faz surgirem expectativas novas em relação ao papel sexual que está reservado ao rapaz.

Estimulam, preparam, orientam, impelem e acompanham o jovem postulante à prática do coito.

D — Outra fonte de apoio, ao aprendizado pelo jovem, das vivências sexuais, é aquela que podemos classificar como as “pedagogas” improvisadas: empregadas domésticas e prostitutas. Os serviços por elas prestados são fator determinante para o deslanchar de muitos jovens — vítimas do profundo silêncio familiar — na vida sexual. Contudo, os jovens notificaram que, regra geral, o ambiente do prostíbulo não agrada; como também desagrada o aspecto comercial “bem mercado”, de pagamento, à dita prostituta. Registra-se, também, o medo de estar ali, naquele ambiente, dentro do prostíbulo.

E — A busca de melhor definição, e desempenho satisfatório, no campo da identidade/papel sexual masculino, marcou a atuação do jovem, perante seus iguais — os jovens —, nas experiências de iniciação. “Virar homem”, “mostrar para mim que eu era homem”, “servir-se de uma mulher como qualquer homem se serviria”, e, “mais um degrau na escalada homem”, são afirmações que refletem claramente a postura dos jovens. É através de semelhante auto-percepção que ele inicia, de certa forma, sua auto-afirmação. Aliás, essa percepção afirma a supremacia sócio-cultural do macho sobre a fêmea: a “supremacia”, por sinal, desse mesmo macho que, regra geral fica muito

nervoso no prelúdio do ato sexual inicial, a sós com a “profissional do sexo”; ele que, raramente reconhece seu “nervosismo” (tensão, medo) de debutante perante a parceira, preferindo quase sempre negá-lo verbalmente, embora o afirme, somaticamente, através até mesmo da não-ereção peniana.

F — No vasto repertório de comportamentos encontrados neste título acerca da iniciação, há também aqueles, de jovens que denotam maior sensibilidade e exigências pessoais mais refinadas. Há jovem que, em relação à vida sexual, chega a exigir de si e da parceira, íntima ligação entre erotismo e afetividade, como condição para uma convivência satisfatória. Vê-se, assim, que o poder destrutivo do “silêncio” do “não-diálogo” na família, não consegue aniquilar a todos; ainda há jovens que, graças às suas próprias experiências ocasionais, à sua autodidaxia eventualmente acertada bem como à decisiva atuação pedagógica de determinada parceira, conseguem alcançar um amadurecimento sexual sadio, integrativo de seu ser e de suas múltiplas vivências. Tudo indica que assim ocorre. Pena que o número desses jovens (dentre os arrolados na presente pesquisa), represente uma pequena minoria! Mas, dificilmente poderá passar de uma minoria de jovens, antes dos 26 anos de idade, enquanto prevalecer uma “educação sexual”, sobretudo nos lares, no típico estilo “ao-deus-dará”.

Para completarmos esta síntese sobre o desabrochar sexual do jovem, resta-nos resumir os pontos de relevo do seu segundo item, que trata da ação pedagógica da experiência.

1.2 — A AÇÃO PEDAGÓGICA DA EXPERIÊNCIA

Obtivemos vários relatos que revelaram as variadas experiências do jovem em relação aos diversos tipos de mulheres sexualmente disponíveis, que ele encontrou no seu caminho. O contato com elas — agradável ou não, prolongado ou curto — determinou a manifestação de comportamentos bem definidos que expressam, com clareza, o perfil do jovem no tocante à sexualidade: preferências, atitudes, gostos, etc. Para efeito de análise foram organizadas em dois tópicos distintos:

1.2.1 — CASADAS E DESCASADAS, INOVADORAS

Esse primeiro tópico abordou os contatos com as casadas e descasadas inovadoras. Vimos que se trata de mulheres, em

sua maioria, provenientes de outras regiões que não a Nordeste (geralmente Sudeste).

As impressões que elas deixaram no jovem foram efetivamente positivas: pessoas bem preparadas, com maturidade social relativamente grande, que proporcionaram um relacionamento rico e variações eróticas igualmente ricas, inovaram o repertório de alguns com a prática pelo menos do sexo oral, e que conseguiram conversar abertamente sobre “o que” fizeram, o “como” fizeram, e tudo com isenção de preconceitos habituais sobre o assunto.

O jovem admitiu que tal experiência foi satisfatória e proporcionou-lhe uma visão da sexualidade efetivamente completa. Afirmou dever-se o seu sucesso sexual, quando isso ocorreu, ao fato de ter encontrado pessoas bem preparadas, dentre as quais incluem-se, especialmente, as casadas e descasadas, inovadoras.

Houve jovem que narrou que uma delas o teria “usado”; além disso, ao analisarmos mais aprofundadamente a curta duração, o espírito de improvisação e aventura e os altos riscos sociais relativos a esses contatos íntimos entre a quase totalidade delas e o jovem, percebe-se a relação bilateral de pessoas que “objetizam”, “coisificam” o outro e por ele se deixam transformar em “objeto”, a fim de alcançar, de algum modo, o auge da satisfação a que aspiram, e que talvez ainda não alcançaram, ou de que sentem falta. Mesmo existindo um rico emaranhado de afeto e erotismo nessa relação, a parceira bastante vivida faz uso do “belo galã” inexperienced e sequioso de prazer, talvez para preencher o vazio de maus relacionamentos anteriores. Ele, por sua vez, usa-a como objeto garantidamente experiente, saudável, eficiente, asseado, disponível e sigiloso sem ter que arcar com compromisso, deveres, nem responsabilidade alguma, de nenhum gênero, pois, inexistente aí o temor da gravidez; ela sabe como evitar, ela assume. Falta, pois, nessa relação interpessoal, o encontro entre as pessoas na sua **totalidade**, exatamente enquanto pessoas.

1.2.2 — “PROFISSIONAIS”, “AMADORISTAS” DO SEXO E AS “MENINAS DE FAMÍLIA”

Esse segundo tópico apresentou as diversificadas experiências do jovem com outros tipos de mulheres disponíveis

para relações sexuais: as raras garotas do mesmo nível sócio-econômico ou seja “meninas de família” (no caso específico, “paquera” fora da Região Nordeste), a criada, a empregada doméstica, as “garotas de programa” e, sobretudo, as prostitutas.

Como “profissionais”, as prostitutas são bastante procuradas e cada jovem leva outros amigos a ela. Um jovem apresentou interessante comparação onde valoriza mais a prostituta — por ser lutadora por seus direitos, independente, etc, — que, as menininhas de programa, sonsas, e até mesmo, que as namoradas, dominadas e inertes diante dos caprichos de seu par.

Dentre as classificadas como “amadoristas” do sexo — “garotas de programa”, criadas e domésticas — são as domésticas que se mostram as mais ingênuas, chegando a prestar serviços sexuais até sob ameaça. Dispor de carro, pode ajudar a aumentar o repertório das experiências do jovem, em número e em variação, segundo suas narrativas neste tópico. Doenças venéreas e desinformação a respeito, bem como experiências negativas, tais como ejaculação precoce, decepções e constrangimento em prostíbulos, estão presentes.

Quanto às “meninas de família”, apresentam-se com condutas divergentes que nos permitem uma triplíce classificação de tais jovens: 1.^a) há aquelas que vivenciam apenas carinhos não-comprometedores; 2.^a) outras, que permitem vivenciar qualquer tipo de experiência afetivo-sexual, exceto a cópula propriamente dita (pênis-vagina); 3.^a) outras ainda, vivenciam inclusive essa cópula e, para eventuais casos de gravidez, providenciam o aborto clandestino que lhes garante o rótulo e a valorização social de menina de família; em tudo isso, percebe-se que o importante é salvar as aparências.

Algumas garotas do interior do Estado aceitam fazer, mas se recusam a falar a respeito: sexo é tabu: Trata-se de “alunas” coerentes e eficientes da “Pedagogia do Silêncio” em que foram educadas.

Diversas experiências típicas são comentadas e mostra-se que os vários lugares da casa devem estimular a criatividade de quem conseguiu descobrir apenas a cama, para as intimidades. Finalmente, de acordo com a narrativa, percebe-se que a necessidade pessoal de realizar atividades sexuais com pessoas

do sexo oposto, emerge com grande força por volta dos 14/15 anos; o despertar sexual surge, e para isso colaboram inclusive os apelos comerciais da sociedade atual, a TV e a moda feminina.

2 — FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO

É bom que tenhamos uma idéia mais bem definida sobre o papel desempenhado pelos pais e educadores na formação e informação do jovem que entrevistamos, em tudo aquilo que se relaciona com a vida afetivo-sexual.

Uma lamentação, expressa pela quase totalidade dos entrevistados, foi a inexistência de uma educação sexual no lar; também a escola omitiu-se dessa tarefa. Só os colegas, solidários no mesmo problema, vieram em auxílio ao jovem. A desinformação mostrou-se soberana no ambiente doméstico; dir-se-ia, pelas aparências, haver um complô social por parte de todos os adultos que evocam a si a tarefa educativa, complô esse contra a evolução da sexualidade do jovem, e portanto contra a sua mente, contra a capacidade intelectual e o poder de abstração que ele desenvolveu. De fato, a "Pedagogia do Silêncio" é o comportamento mais amplamente recorrente, nos depoimentos do jovem, ao se referir ao relacionamento entre pais e filhos sobre educação sexual.

A "rua", aqui entendida como constituída pelas relações sociais entre o jovem e a turma, entre o jovem e os amigos, colegas, apresenta-se como ambiente complementar ao lar, no que tange à formação do jovem. A "rua", também não se confunde com a instituição escolar (1), onde o jovem recebe a educação formal, prescrita pela sociedade. O relacionamento com os irmãos, com parentes próximos e com parceiras significativas, é arrolado como pertencente a essa categoria (2) típica de educação informal: a "rua"! Obviamente, a curiosidade é fator de destaque para que o comportamento sexual do jovem evolua.

1) Instituição escolar aqui referida, significa exatamente a escola vista no sentido estrito de instituição, e não, como ponto de encontro de jovens enquanto grupo.

2) O relacionamento com irmãos e parentes próximos aqui abordado, refere-se apenas à troca de informações entre eles e o jovem, informações essas exclusivamente acerca do tema **sexo**. A inclusão desse relacionamento na categoria "rua" justifica-se pelo fato de que tais informações, passadas entre eles, tratam-se de informações sempre adquiridas graças exclusivamente à "rua"; o ambiente doméstico nada lhes deu a respeito.

O despertar sexual está presente; surgem necessidades sexuais bem como necessidades de auto-afirmação perante si mesmo e perante o grupo. A identidade/papel sexual masculino exigem uma postura clara do jovem em relação às práticas sexuais consideradas indispensáveis pelas expectativas do grupo. Esse é o começo do desabrochar sexual do jovem, é a contagem regressiva em andamento, para a efetivação do debutar nas relações sexuais com pessoas do sexo oposto: prepara-se aí a sua iniciação sexual. Antes, durante, depois, e também muito depois, a presença dos amigos e demais componentes da “rua” será marcante e decisiva na vida sexual do jovem que, lamentavelmente, só conseguiu obter de seus pais e educadores, no campo da sexualidade, uma única coisa; única, porém, grande: o “silêncio”.

3 — NAMORO

Após percorrermos, um a um, todos os depoimentos dos jovens acerca de seu namoro, podemos concluir que, apesar do inegável silêncio de seus pais, educadores e escolas acerca dos fatos da vida sexual madura, eles, os jovens, conseguem demolir barreiras, vencer etapas, ultrapassar os limites de seus “desconhecimentos” sobre o assunto. E, graças à própria ousadia e curiosidade, bem como ao apoio permanente do grupo ou dos amigos — também estes com as próprias limitações —, chegam a acumular uma variada bagagem de experiências; e esta de tal porte, que seus pais jamais poderiam supor que eles viessem a alcançá-la, com tão perfeita dissimulação e aparente submissão ao mutismo doméstico. A “Pedagogia do Silêncio”, pedagogia estilo “ao deus-dará”, desafia o jovem a encontrar por si próprio em seu caminho, as experiências ocasionais válidas para a sua vida sexual. O jovem enfrenta o desafio e passa a provocar a eclosão de novas e contínuas experiências “ocasionais” que lhe darão, em breve, a condição de especialista em intimidades e na comunicação sexual humana.

No entanto, dificilmente o comportamento afetivo-sexual satisfatório será atingido sem se incorrer em erros, enganos ou sofrimentos supérfluos.

Os eventuais descaminhos que, muito provavelmente, marcarão a trajetória de cada jovem entregue a essa pedagogia estilo ao deus-dará, decerto se constituirão, na sua vida, em cicatrizes e fardos tão incômodos quanto teriam sido facilmente evitáveis.

Pode-se também dizer que, à diferença de inúmeros outros campos da atividade humana muito significativa, a sexualidade dificilmente se beneficia com a transmissão cumulativa, de uma geração para outra, das experiências vividas por cada pessoa; a "Pedagogia do Silêncio" está alerta para impedir que isso ocorra. É um fato lamentável.

Chegamos ao fim dessa exposição acerca dos relatos apresentados pelos jovens. Nela, vieram em relevo duas grandes perspectivas do jovem em relação ao namoro: (1) o significado do namoro na perspectiva do rapaz, e, (2) as implicações existentes entre afeto e intimidades.

Ponto comum a esses dois subitens foi a mentalidade "**machista**", presente no discurso do jovem, em ambas as perspectivas.

O machismo cultural faz-se presente de várias maneiras, no discurso do jovem. Há, por exemplo, a expectativa de que a "moça de família" seja bem comportada, evitando ser afoita no tocante às ações do sexo: "moça direita" não toma iniciativa nisso! As necessidades sexuais de um jovem depoente mostram-se incompatíveis com a formação moral recebida. A solução é simples e consta de satisfazer-se plenamente, através das ações, mas evitar comentários ou delações; também aí, mais uma vez, o "caminho do silêncio" se impõe como sendo a solução. O protesto de um outro jovem é claro: os condicionamentos sociais e as expectativas "dos outros" impedem que se faça o que se quer e para o que se está apto, e isto vale sobretudo para o jovem, no que diz respeito às decisões sobre o seu próprio corpo.

A ousadia da jovem solteira em tomar iniciativa de caráter efetivo é aceita, mas tal ousadia, no tocante ao erotismo, é condenada. A sociedade e a cultura negam à jovem o direito ao exercício sexual; a virgindade continua sendo um preconceito de destaque, pois, até os próprios rapazes experientes confessam valorizar mais, para casar, a garota "novinha", "zero quilômetro", sem justificar para isso nenhum prazer especial de natureza biológico — trata-se simplesmente de um "prazer" de natureza cultural. A opção do coito anal, por vezes, visa a preservação da virgindade. A proposta alternativa feita por um jovem, para a derrubada do preconceito da virgindade, afora aquela da relação sexual sigilosa por própria

conta e risco, é a da dicotomização entre erotismo e afeto: sexo mecanicista, que resultaria numa "objetização" mais profunda e indiscriminada da mulher, para proveito sensual do homem, que, nesse caso, também ele, seria reduzido a objeto: simples objeto de prazer.

A pressão social faz-se presente, exigindo o cumprimento da "dupla moral" imposta à juventude; o rapaz deve experimentar a relação sexual desde cedo, a moça está proibida de fazê-lo. Há um jovem que protesta contra a dicotomia entre sexo e afeto, no namoro, e supõe que a responsável pela proibição da relação sexual entre os parceiros seja a mentalidade da moça, expressão dos valores culturais em cujo meio ela foi criada; consegue perceber e condenar a incoerência dessa mentalidade preservadora da predominância dos machos. Mas o que ele não consegue perceber é o quanto está imbuída de machismo e de injustiça, contra a jovem, a sua própria mentalidade e postura de rapaz, quando narra para a namorada as várias aventuras sexuais que ele continua experienciando com outras garotas, sem num entanto admitir minimamente que ela possa vir a praticar e narrar, sequer por uma única vez, experiências similares.

3.1 — O SIGNIFICADO DO NAMORO NA PERSPECTIVA DO RAPAZ

Acerca desse item, os depoimentos nos ofereceram diversas experiências que, a grosso modo, podem ser apresentadas em dois grupos distintos:

3.1.1 — O significado do namoro e das namoradas: as parceiras de namoro são pessoas significativas, algumas; outras, não. Muito se namora, apenas para satisfazer às expectativas do grupo no tocante ao desempenho do papel masculino. Para alguns, a namorada chega a ser vista como uma forma de limitação e aprisionamento.

3.1.2 — Defasagem entre maturidade sexual e a estabilidade econômico-financeira e profissional — A maturidade sexual do jovem e a sua autonomia financeira pessoal são dois aspectos fundamentais da sua vida, e eles parecem andar desencontrados. O plano de casamento é um objetivo que sempre se coloca para após a resolução satisfatória do problema da dependência econômico-financeira e profissional do jovem;

teme-se e luta-se bastante para evitar que o casamento venha a ocorrer de forma imposta, devido ao aparecimento de gravi, dez inesperada. A maturidade biossocial para o exercício sexual, precede, em anos, a fase de autonomia financeira da maioria dos jovens entrevistados, ao que tudo indica.

3.2 — AS IMPLICAÇÕES EXISTENTES ENTRE AFETO E INTIMIDADE

Essa segunda perspectiva do jovem em relação ao namoro — que diz respeito às implicações existentes entre afeto, por um lado, e intimidades sexuais, por outro, formando um todo único — apresentou revelações que podem ser agrupadas em três núcleos distintos de idéias: (1) as fases do namoro e a escalada gradativa das intimidades, (2) as expressões das intimidades propriamente ditas, e, (3) os pais, sua atitude e conduta de “silêncio”, em relação à sexualidade no namoro.

3.2.1 — As fases do namoro e a escalada gradativa das intimidades — Observa-se que a gradação das intimidades vai crescendo, à medida que a experiência do jovem vai aumentando. Se inicialmente o namoro é percebido como necessariamente ingênuo, e qualquer intimidade, como sendo um “desrespeito”, num segundo momento o jovem já começa a entender melhor como é a regra do jogo, e dá início, “por acaso”, a algumas incursões de intimidades com a “garota de família”. Numa fase posterior, o jovem chega a realizar com a sua namorada um vasto repertório de “curtição” de intimidades, evitando tão-somente o coito, devido ao alto risco de gravidez. Finalmente, há jovens que realizam inclusive a cópula, dentro das intimidades do namoro, vendo tal relação sexual com um sentido totalmente diverso das precedentes, que eram realizadas, basicamente, sem se ter ligação afetiva com a parceira, ou então para corresponder às expectativas do grupo.

3.2.2 — As expressões das intimidades propriamente ditas — Há diversas formas características, através das quais as intimidades se manifestam no namoro. Deflorar uma jovem, permitindo que esse fato caia no domínio do público, é considerado um ato de “sujeira”. A mesma classificação é indicada para a ação do jovem que engravida a namorada deixando-a em apuros. No entanto, se o rapaz conseguir “curtir” sexualmente, e tudo praticar com a sua namorada, garantindo-lhe a preservação do hímen, nesse caso terá a convicção de que “saiu

limpo" do namoro, acerteza de que não "prejudicou" a juventude da moça. Evitar a ocorrência da gravidez ou, pelo menos, evitar que ela venha a ser descoberta pelo público é uma conduta consagrada, para os rapazes que namoram.

Hora e local adequados são fatores importantes para o desenvolvimento das intimidades; por sua vez, a criatividade chega ao extremo de encontrar modos adequados para burlar a fiscalização dos genitores e permitir as incursões de intimidades em qualquer ambiente social da casa da namorada.

Aborto indesejado, mas exigido pelas circunstâncias sociais chega a tirar "o colorido da vida". Há aquele que enjoa da namorada e acaba, após diversas sessões de relacionamento sexual completo, só porque "ela não era mais virgem e ele não tinha sido o primeiro"; então, caiu a cotação dela no "mercado do sexo".

3.2.3 — Os pais, sua atitude e conduta de "silêncio" — Associando a desinformação a que é relegado o jovem — acerca da sexualidade — ao defasamento entre a sua maturidade sexual básica por um lado, e por outro, a sua condição de dependente financeiro e desocupado profissional, chega-se a uma vasta gama de problemas, cujo ponto culminante é a prática do aborto, no namoro, como única saída possível, diante das grandes dificuldades sociais criadas por uma gravidez inesperada.

Concluimos aqui a exposição desse intrigante binômio, que muitos julgam ausente ou desejariam que inexistisse, mas, que está presente na quase totalidade dos namoros dos jovens entrevistados: afeto.intimidades sexuais.

CONCLUSÕES

No seio das famílias dos jovens entrevistados, predomina, quanto à sexualidade, a "Pedagogia do Silêncio" ou seja, a filosofia do deixa acontecer, a proposta de aprendizagem do estilo ao deus-dará. Será este o caminho natural das pessoas, como muitos propõem?

Ora, se a cultura é atributo especialmente da sociedade humana, por que então o conhecimento sobre a sexualidade, fruto da experiência dos antepassados, não deverá ser trans-

formado em acervo acessível a todos? Por que cada pessoa deve começar do zero e terminar sepultando consigo próprio o conhecimento gerado por aquelas experiências atinentes à sexualidade?

Através da análise de conteúdo dos relatos, observa-se que os entrevistados foram unânimes em fazer duas afirmações complementares: 1) pais e educadores foram omissos na tarefa de esclarecer, situar e orientar a estruturação pessoal do jovem acerca da sexualidade e suas principais implicações; 2) o sistema de informações e apoio constituído pelos agentes da "rua", que nada tem a ver com a educação formal, é a principal fonte de esclarecimento e orientação permanentes ao jovem, no que concerne à sexualidade.

Uma outra afirmação praticamente unânime refere-se ao desejo do jovem em ter acesso a vivências sexuais, sem restrições, com garotas do seu mesmo nível sócio-econômico. Isso, no entanto, soa como incoerente se observada a conduta habitual da grande maioria dos entrevistados: em termos sexuais, desde cedo se relacionam com a mulher basicamente numa conduta "coisificadora", e com o passar do tempo, sedimentam essa forma de relacionamento como sendo a mais espontânea. Além disso, arrogam a si direitos e superioridade exclusivos, em relação à mulher, desenvolvendo com **naturalidade** uma prática "machista" nos seus confrontos. Tudo isso pode ser resumido na frase de um dos dependentes:

"Tinha me servido de uma mulher como qualquer homem se serviria".

Dos pontos de vista psicológico e educacional, concluiu-se que o jovem entrevistado, embora esteja numa média de idade em torno dos 21/22 anos, continua vivendo um "adolescentismo" sexual de fases bem anteriores de sua vida. É bem possível que esse adolescentismo sexual, de certa forma, seja parte integrante da cultura machista em que vivemos, que eleva a deslealdade, a injustiça e a desconsideração, por parte do homem, contra a mulher, no contexto sexual, ao nível de valor de primeira grandeza.

A responsabilidade dos pais e educadores pela instalação desse adolescentismo reside exatamente na sua omissão quanto à tarefa educativa junto aos jovens — e, como afirmam

Tucker & Money, desde os tempos de criança — no que se refere à vida sexual. E isto o afirma até mesmo aquele singular jovem que, tendo ultrapassado — com muito esforço, ajuda e sofrimento, pessoais e de amigos — a barreira do “adolescencismo sexual”, lamenta-se do vazio educacional deixado pela inoperância dos pais e educadores escolares.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. L'Analyse de Contenu. Paris: PUF, 1977.**
- GOLDBERG, Maria Amélia A., & FRANCO, Maria Laura P. Análise de Conteúdo: Notas Metodológicas. São Paulo: 1980 (Mimeo).**
- MONEY, John, & Tucker, Patricia. Os Papéis Sexuais. São Paulo: Brasiliense, 1981.**
- RIBEIRO, Darcy. O Dilema da América Latina; Estruturas de Poder e Forças Insurgentes. (2.a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1979**